

MOACYR SCLiar FAZERDOR DE GOLEMS

Márcio César Pereira dos Santos (UFMG)

RESUMO: O mito do "golem" atravessa toda a escrita de origem judaica migrando a partir da modernidade para a literatura contemporânea. Moacyr Scliar, numa longa tradição desses "fazedores de Golems", retomou esse mito em alguns de seus escritos. Destaco, em particular, nos romances "Cenas de uma vida minúscula", de 1991, e "Manual da Paixão solitária", de 2008. Em Scliar, o golem é parte de uma reflexão sobre o fazer literário, um ideário que atravessa toda sua obra, que o autor estabelece, principalmente, a partir de sua ficção de origem bíblica, contos, crônicas, sobretudo em seus romances em que as metáforas de origem da Escritura Sagrada revelam suas complexas técnicas da recriação textual.

Palavras-chaves: Literatura. Moacyr Scliar. Golem. Contemporâneo. Textualidade.

Deus é onisciente, mas eu sou mais onisciente do que Deus, eu sei o que ele pensa. [...] Ele criou o céu e a terra, mas eu crio o texto que ele habita. (Fala de Sulamita, personagem de "Cenas de uma vida minúscula")

Moacyr Scliar

Segundo a o Livro do Gênesis (ou *Bere`Shith*) e o *Sefer Yetziráh* (O livro da criação ou Livro da Formação), Deus criou o mundo pelas palavras, articuladas pela potência cosmogônica das 22 letras que as formaram. Essa força criadora teria criado tudo que passou a haver, e tudo que a partir da criação, em potencial haveria. O ato de criar originou também a sua replicação – as suas criaturas teriam a capacidade, ou potencialidade também, a seu modo, de recriar a criação.

A cosmogonia judaico-cristã é talvez, única em estabelecer esse nexo entre linguagem e os mitos da origem. As letras, as palavras, sua articulação como fala, portanto como texto seriam, anteriores, como o criador, à criação. Daí o peso do sagrado em cada letra, cada vocábulo, que constituiria em si uma galáxia de possibilidades.

A palavra *Golem* é uma dessas possibilidades. O termo que aparece uma única vez na *Tanach* (a Bíblia Hebraica), no *Tehilim* ou Louvores, o Livro salmos da Bíblia



Cristã, mais especificamente no Salmo 139, versículo 16: “Teus olhos viam meu embrião” (BIBLIA DE JERUSALEM, 1991, p. 1104), traduzindo o termo como “embrião”, segundo o dicionário de símbolos:

Interpreta-se em geral esse salmo como sendo as palavras do homem que agradece a Deus por havê-lo criado e que rememora para si as diferentes fases de sua criação: “Meu golem, Teus olhos o viam”. O termo golem toma aqui simplesmente o significado de “embrião”, que é o significado que tem em hebraico. Mas pode-se também conhecer que é Adão quem fala (o que não tardou em ser feito pelos exegetas) e que ele revive os episódios correspondentes do *Gênesis*. Nesse caso, o *golem* recebe uma carga de determinações suplementares. Ele é uma massa de terra informe, a matéria inerte do corpo de Adão antes de lhe ser insuflado o *pneuma* divino, a terra ainda não habitada pelo espírito e que aguarda ser vivificada pelo sopro vital. (MATIERE, 1985, p. 409).

Portanto, observam-se aqui as relações de sentido da palavra com o ato criação, o golém como massa informe, barro, limo, argila, matéria prima do oleiro. Com essas acepções o termo migrou da Bíblia para literatura talmúdica (*Midrash*) e mística judaica, a (*Cabala*), e uma vasta matéria literária se desenvolveu a partir contos e lendas populares. O mito do golém cresceu dentro dessas tradições e de matéria prima da criação, passou a representar o desejo humano de criar a partir do nada, emulando o ato divino da criação da vida. Por força de orações e rituais cabalísticos, os sábios do Judaísmo, os rabinos conseguiriam dar vida a uma escultura de argila, criando assim um ser artificial, capaz realizar tarefas diversas, entretanto ser criada a partir de um ato transgressor, a criatura se mostra imperfeita, pois não recebera o sopro divino, como explica o pesquisador Élcio Cornelsen:

Essa tentativa de reviver parte do processo cosmogônico acaba por fracassar, pois o ser criado é imperfeito. Embora entenda o que seu mestre diz e ordena o *Golém* não fala e acaba por fugir ao controle de seu criador, pois não para de crescer (CORNELSEN, 2004, p.39).

Das diversas conotações que o mito assume a partir da idade média, uma das principais seria a da resistência das pequenas aldeias e do gueto judeu. Ora, pois com as perseguições, os pogroms, e os infames Autos-de-fé, a que a população judaica passou a sofrer, com a diáspora e a ascensão do Cristianismo, uma perseguição implacável sobre o a sombra inextinguível do antissemitismo. A mais famosa versão é Praga, e atribui ao



Rabino Löw ou Loew bem Bezalel (1513-1609), a criação de um Golém, para defender o gueto de Praga, dos ataques e da violência. Mas o Golém excederia suas tarefas tornando-se uma força de extermínio indiscriminada, assim o Rabi Loew, por meio dos mesmos artifícios encantatórios, extingue sua criatura imperfeita.

Essa lenda fascinante ganhou corpo em nas incontáveis versões que a tradição judaica nos legou. Com advento da modernidade e a conseqüente separação entre o sagrado/místico e discurso científico/lógico, o mito do golém ressurgiu, nas artes modernas, sobretudo na literatura. Tornou-se uma espécie de tema básico para escritores de origem judaica, como: Jakob Grimm, Clemens Brentano, Achim von Arnim, Annette von Droste-Hülshoff, Gustav Meyrink, Paul Celan, Isaac Bashevis Singer, Elie Wiesel, entre outros. Sobre esse profusão de versões a professora Lyslei Nascimento chama a tenção para a reflexão de Bashevis Singer:

A criação de um *Golém* não é somente um ato de defesa judaico, afirma Bashevis Singer, mas também uma reflexão filosófica do homem sobre a criação e suas relações com a linguagem.

É por isso que, para Bashevis Singer, [...] em tantos escritores que recontaram a lenda do *Golém*, mais que o sentido moral da lenda, tem-se também o sentido artístico da criação. Os “fazedores de golems” são desse modo, essencialmente artistas – escritores, pintores, compositores, escultores -, continuamente inquiridos sobre como realizam suas criações. (NASCIMENTO, 2004, p. 21).

Essa inquietação sobre o fazer artístico que o mito suscita é talvez um dos pontos mais relevantes como uma metáfora sobre a ética da criação humana, ou seja; buscar paranoicamente a perfeição em nossas criações igualar-se a Deus e conseqüentemente mata-lo para colocar-se em seu lugar e reinar ilusoriamente com o peso do ouro sobre nossos “pés-de-barro” e sucumbir por fim gravidade e ao tempo, forças incontornáveis da natureza, ou assumir as belezas das imperfeições como fonte de nossa maior riqueza, a curiosidade e capacidade quase ilimitada de fazer e refazer. Ser esse oleiro, sempre retrabalhando o barro de outras peças, para conseguir, não a forma, perfeita, mas forma inusitada diferente, por isso única em suas singularidades definitivas. Esse parece ser o “módus operandis”, de um dos nossos melhores “fazedor de golems”, o escritor gaúcho Moacyr Scliar (1937 – 2011)”.

Scliar, profícuo realizador, com mais de 80 trabalhos publicados ao longo de mais de 40 anos de carreira literária, notabilizou-se por sua profusão de temas e pela



multiplicidade de formas e formatos. Crônicas, contos, ensaios, e novelas e romances. O escritor se serviu dessa profusão de veículos para exercer sua inusitada imaginação. O judaísmo, como a revisão histórica, o discurso da ciência, as Escrituras, a memória, a identidade latino-americana, vicissitudes do cotidiano, todas essas linhas temáticas, foram fonte de seus trabalhos cujo objetivo parece ao final ser a integração de todos os discursos no jogo infindável da ficção literária.

E não seria diferente quando o autor lida com um mito tão cheio de nuances, como o *Golém*, especificamente em dois trabalhos a lenda é retomada, de forma literal e temática no romance *Cena de uma vida minúscula*, publicado em 1991 e obliquamente em *Manual da paixão solitária*, publicado em 2008.

Em *Cenas de uma vida minúscula*, Scliar elabora a trajetória de uma tribo de homúnculos, que vivem no interior da selva amazônica e descendem diretamente da estirpe salomônica. Uma comunidade de origem judaica, que mantém suas tradições e hábitos na pequena aldeia (um *shtetl*?) perdida em um igarapé da grande floresta. O narrador protagonista descreve, nas 40 primeiras páginas do romance, as origens salomônicas dos magos, prosaicamente nomeados sempre como Habacuc (um dos filhos de Salomão, não o profeta pré-babilônico) que milhares de anos depois criariam de si aquela estirpe de homens minúsculos. No texto são recriados os dias do reinado do famoso rei, mas os protagonistas são dois dos filhos de Salomão, Habacuc e Sulamita, a quem é confiada a tarefa de escrever “o grande Livro que contará a história do nosso povo” (SCLIAR, 2003, pag.16) como diz Sulamita. Esta irá se consumir na tarefa, ao tentar inserir sua subjetividade na história de Israel é reprimida e rebela-se contra os protagonistas daquela história que conta mas é excluída enquanto consciência: “Deus é onisciente, mas eu sou mais onisciente do que Deus, eu sei o que ele pensa. Ele não me derrotará, Habacuc, nem ele, nem seu preposto Salomão. Ele criou o céu e a terra, mas eu crio o texto que ele habita.” (SCLIAR, 2003, pag.21). Sulamita sucumbe ao desvario e morre, não antes sem legar a seu irmão Habacuc a rebeldia contra o pai, deixando Israel e retomando a tarefa da irmã para cunhar o *Livro das Origens*. Porém amplia sua ambição e quer superar o próprio e o Deus que ele serve. Habacuc quer criar vida e fundar uma dinastia sua;

- Quero criar um ser vivo – disse cauteloso, Esperou um pouco e repetiu mais alto.



- Quero criar um ser vivo!

[...]

Um ser vivo. Não era pouco, aquilo: extrair, da matéria inerte, vida. Transcendia o mágico, chegava ao divino; com todos os riscos que isto implicava. Contudo não era arrogância, ou onipotência, que o moviam; era a emoção de se encontrar, de alguma forma, com a amada. (SCLIAR, 2003, pag. 26).

Habacuc ao foge e funda uma linhagem que magos descendentes – todos nomeados Habacuc -, que erram do oriente para ocidente em quase vinte séculos de história, misturando o factual e o lendário, o narrador traça por reminiscências de leituras do mítico *Livro das Origens* as daquela estirpe andanças que trarão o último Habacuc em Nau Portuguesa, às selvas brasileiras, onde por fim, a partir de suas prosaicas emanções concebe uma nova espécie, a raça minúscula à qual pertence o protagonista narrador. Esse prólogo é uma clara recriação da história do povo judeu e dos eventos que o levaram a se espalhar pelo mundo. A diáspora é reencenada nas primeiras páginas da obra e funciona como ponto de partida para uma reflexão sobre identidade, tradição, assimilação e pertencimento, temas recorrentes na ficção de Moacyr Scliar. Na segunda parte do romance, o protagonista, herdeiro e detentor da história da tradição de sua tribo descrevem os eventos que o levam a abandonar seu povo e o a entrar em contato com a sociedade brasileira. Ele é levado, inadvertidamente com uma companheira, à gigante cidade de São Paulo, e os efeitos desse choque de civilizações irão consumir sua conterrânea, que irá sucumbir como a primeira Sulamita, enquanto a personagem principal será assimilado por aquela cultura dominante e modificada, crescendo fisicamente, modificando no corpo, na escrita do corpo, sua identidade, suas tradições e sua história.

Scliar recria a narrativa do golém, modificando as dimensões e as relações de consciência de suas criaturas, no final, são criaturas forjadas por um mago (Rabi), que após milênios acumulando conhecimentos científico e mágicos, gera seus pequenos seres como que planta uma árvore, o mago cria macho e uma fêmea, lega-os o Livro das Origens e morre. Como toda criação imperfeita os homúnculos mantem seu estranhamento com o mundo normal, que podemos chamar, como na verdade como identidade. Quando expostos àquele mundo gigantesco (monstruoso) ou sucumbe ou é assimilado. Scliar inverte aqui o espelho das consciências e a dimensão monstruosa da



cultura de assimilação. O protagonista cresce até atingir o tamanho em que sua pequenez é socialmente aceitável, embora sempre um baixinho. O livro das origens desaparece na selva amazônica como antiga tribo natal do protagonista, porém permanece a memória no relato do narrador, fruto talvez de um delírio febril do protagonista, o que pouco importa, pois a ficção enquanto narrativa poderá sempre ser uma das possibilidades da história.

Já no romance *Manual da Paixão*, Scliar recria o mito golém, Shelá, o terceiro e silencioso, filho do Patriarca Judá, que no capítulo 38 do livro gênesis, nega à sua nora Tamar, seu direito pela lei do Levirato, de ter Shelá, o filho adolescente como progenitor. Na versão de Scliar, Shelá é um dos narradores protagonistas, um adolescente desejoso que sonha com a cunhada Tamar, que lhe é negada por seu pai, assim só lhe resta, o sexo solitário e a escrita. Para satisfazer sua paixão errante, o narrador protagonista constrói então seu “manual do sexo manual”. Primeiro, por meio do barro, como oleiro: Shelá molda no barro de sua caverna uma Tamar, para fecundá-la. Ser incompleto, esta se mostra fria e sem vida – como no mito *Golem*, feito de barro mas sem a palavra que lhe dê vida, seu poder de criação se mostra incompleto. Segundo Lyslei Nascimento, essa imperfeição é o cerne da natureza do *Golem*, como também das criações humanas:

Quando a letra Aleph é apagada da inscrição tatuada no Golem, este volta a ser uma massa inanimada e informe de argila. O poder mágico da escrita sobre a matéria inerte corresponde à criação que, aspirando a verdade absoluta, revela-se falha e imperfeita. A falibilidade e a mortalidade da criatura espelham as incompletudes e, por extensão de suas criações, a escrita e a arte.(NASCIMENTO, 2007, p.18).

No romance *Longe de buscar a perfeição e a “verdade” dos místicos e cabalistas*, a *Tamar-Golem* é uma emulação de outra imitação, destinada ao prazer do efêmero, e sua imperfeição é sua maior qualidade, pois assim poderá ser abandonada:

Que prazer, meu Deus, que prazer, que êxtase! E não me senti culpado, nem um pouco culpado. Sim, como Onan eu derramara minha semente sobre a terra, mas não qualquer terra, era a terra feita Tamar. Só que constatei ao me levantar que não era mais Tamar que estava ali. Resultado dos meus espasmódicos, brutais movimentos, a pobre tinha sido completamente destruída, voltava a ser uma massa



informe de barro. Como muitos outros, eu destruíra o objeto de minha paixão. (SCLIAR, 2007, p.145).

Shelá, então, abandona suas investidas cabalísticas e passa do barro ao texto para constituir seu objeto de paixão. A paixão escrita, a paixão pela escrita.

Em ambos os romances o mito do golém é reconfigurado, como uma reflexão sobre o ato de criar, mais especificamente sobre o ato de criar o texto, sobre o fazer literário, o que não seria exatamente, uma novidade no trabalho ficcional do autor gaúcho, de fato pode-se identificar essa linha reflexiva, já em seus primeiros textos publicados. O longo Conto “Os contistas”, publicado originalmente na coletânea Balada do Falso Messias de 1976, é uma longa, tipificação de temas, que seriam retomados pelo próprio autor em outras coletâneas.

Scliar, nunca se colocou como um teórico de literatura, de fato o único trabalho que publicou com essa temática, teria sido O texto, ou: a vida: uma trajetória literária. Publicado em 2007. No entanto, certo ideário sobre a criação artística, pode ser reconhecido em suas ficções, sobretudo, em textos em que retoma e recria o texto Bíblico, textos onde exerce a intertextualidade, não é apenas um recurso, mas uma das colunas que estruturam sua ficção, segundo Gilda Salem Szklo, “A intertextualidade, nos escritos de Scliar, é a fonte de sua criatividade, possivelmente o tema principal de sua obra.” (SZLO, 1990, pag. 16). Nesses romances há sempre um narrador escriba e um manuscrito encenado, no texto, Essa estratégia textual pode ser aproximada daquilo que o semiólogo e escritor Umberto Eco definiu como “metanarratividade”, ou seja, como “reflexão que o texto faz sobre si mesmo e sua própria natureza ou intrusão autoral que reflete sobre o que se está contando e talvez convide o leitor a compartilhar de suas reflexões”. (ECO, 2003, pag. 199). Quando o narrador encena o trabalho literário, concomitantemente revela suas limitações enquanto obra artística, delimitando sua própria finitude. Nos romances esses textos encenados, desaparecem sob o fogo ou se perdem no tempo, sendo reconhecidos apenas pelas emulações que narrativa faz deles, a cópia da cópia, como golems, que encenam a forma humana e ganham e vida e perecem pelo princípio, ou seja: a palavra escrita, enquanto narrativa enquanto ficção.



Os romances de Scliar como Golem não almejam a perfeição, longe disso, eles tiram sua força nas discrepâncias que lhes conferem o estranhamento e resiliência. Resistir ao tempo, pela memória e pelo sonho.

Referências bibliográficas

BÍBLIA DE JERUZALEM, Trad. Gilberto da Silva Gorgulho. São Paulo: Paulus, 2003.

BRUNEL, Pierre. (org.). Dicionário de mitos literários. Brasília: Editora UNB/ José Olímpio, 2000.

NAZARIO, Luiz; NASCIMENTO, Lyslei. (org.). *Os fazedores de golems*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *Cenas da vida minúscula*. Porto Alegre: L&PM, 2003.

SCLIAR, Moacyr. *Os vendilhões do tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SCLIAR, Moacyr. *O texto, ou: a vida: uma trajetória literária*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.